

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quas sunt priora extendens molpeum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christu Jests

ID. 13. 14.

SUMMARIO: Secção Religiosa: *Peregrinações espirituas a Nossa Senhora de Lourdes*, por P.—Secção Scientifica: *Positivismo*, pelo Padre J. A. R.; *Sancta Poesia*, por ***.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 45.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Africa*, por Dom Antonio d'Almeida; *Infeliz questão*, por E. I.; *A magonaria no estrangeiro*, por um que não assigna a imprensa liberal.—Secção Illustrada, por M. F.—Secção Necrologica, por D. P.—Secção Litteraria: *Viado*, por Osorio Goulart.—Retrospecto, por M. F.

Gravuras: *Sé de Portalegre; Castello da Edude Media.*



SÉ DE PORTALEGRE

SECCÃO RELIGIOSA

Peregrinações espirituas
a Nossa Senhora de Lourdes

FRANTE OS dignos assignantes do *Progresso Catholico*, apresentamo'-nos a pedir indulto da falta de fé com que a elles nos dirigimos, solicitando sua concorrência ás *Peregrinações Espirituas*, concedidas no anno lindo pelo Sanctissimo Padre ao santuario de Nossa Senhora de Lourdes. Certo de quanto se acham os catholicos promptos a zelosamente coadjuvarem tantas obras pias e as multiplicas necessidades que por toda a parte os rodeiam, parecia-nos excessivo aggravar-os ainda com uma contribuiçãosinha em beneficio d'aquella maravilha das margens do Gave, onde cada pedra significa um affecto do povo christão para com a Rainha dos céos e Mãe dos peccadores.

Enganamo'-nos porém no conceito que formáramos.

De toda a parte acudiram tão soliciamente que inflingiram com seu fervor uma severa reprehensão ao nosso miúdo zelo. Tivemos já occasião de ex pedir para Lourdes 181\$355 reis, e chegam ainda, na data em que escrevemos, algumas quantias mais retardadas, que nos fazem crer exceda a reis 200\$000 o total definitivo.

Graças pois a nosso Senhor, que não está trouxa, no seio dos que lhe pertencem, a flamma da dedicação a tudo quanto seja vontade ou gloria sua.

Em Lourdes, n'aquelle anno da GRACA de 1858, em 21 de fevereiro, sexta apparição á bemaventurada Bernadette, mostrou-se a Virgem Sancta á sua confidente, velada em dôr profunda.

«Seu olhar—disse Bernadette—pareceu percorrer a terra toda. Em seguida Ella o depoz em mim cheio de grande tristeza.

Angustiada pela dôr immensa pintada em suas feições, interroguei: *Que tens? Que é preciso fazer?* Ao que ella respondeu:

—ROGAR PELOS PECCADORES.

Os generosos associados das *Peregrinações espirituas* corresponderam, como bons filhos, a este aviso de Maria, tomando parte em sua dôr e enviando ao céu suas preces e suas communhões para, lançadas na balança da divina justiça, obterem a salvação de tantas almas esquecidas da lei e escravizadas pelas paixões e pelo erro.

Sendo o fim das *Peregrinações* trahalhar na conversão de nossos irmãos; obter o triumpho da Egreja e do Soberano Pontifice; concorrer para a prosperidade das nações catholicas; obter

ao mundo aquella abundancia de paz promettida na proclamação do dogma da Immaculada Conceição; interceder pela cura dos enfermos, consolação dos allictos, attenuação das necessidades innumeradas que torturam a pobre humanidade; cooperar com as orações do mundo catholico e das de Maria Immaculada, fazendo violencia ao coração do Salvador em prol das miserias tantissimas que enluctam a face da terra, coube aos magnanimos associados a gloria singular de representarem sua patria n'esta obra de tão urgente reparação.

A pequenina offrenda que simultaneamente se appressaram a dedicar á Virgem Sancta que nobre applicação obtem?

Vejamos: «No dia 23 de fevereiro—diz o Padre Marcel Bouix na sua magifica obra *Apparitions de Notre-Dame de Lourdes*—a Virgem Immaculada daria á sua humilde serva uma brilhante prova de seu amor. Antes de apontar o sol, multidão immensa cobria as circumvisinhanças das rochas de Massabielle. Impellida pelo sobrenatural só-nro que parecia transportal-a, chega Bernadette á Grotta. De rosto illuminado por uma expressão de humildade e candura, ajoelha deante da cavidade oval, aberta no rochedo, sustentando n'uma das mãos o cirio acceso e na outra o modesto rosario. Ao genuflectir da vidente curvam-se á uma todos os joelhos, Bernadette começa orando; de lance fulgura uma luz celestial, em cujo esplendor, uma vez mais, a ditosa filha do moleiro Soubirous contempla a Rainha dos Céos que, em toda a sua ineffavel belleza, lhe sorri e a attrahe. A presença da Virgem leva-a de repente a entrar em extasi.

Foi n'esta Apparição que a Virgem Immaculada investiu Bernadette de sua missão perante a Egreja e lhe revelou a embaixada que devia transmittir lhe.

Antes porem de elevar a pobre pastora a tão subida honra, confiou-lhe a Sancta Virgem, para ella só, um primeiro segredo, que fosse luz e força para desempenho fiel da missão extraordinaria de que foi incumbida. «Revelado o segredo que só a Bernadette concernia, e obtida promessa de o não declarar jamais, deu-lhe a Senhora a ordem seguinte: *Irdes dizer aos sacerdotes que mandem edificar aqui uma capella.*»

De todos os angulos da terra, de todas as gerarchias sociaes, d'essa multidão incalculavel de pessoas que sabe invocar o nome de Maria, teem affluído a Lourdes, como torrentes a despenharem-se no oceano, quantidade tal de donativos, que em pouco tempo, com a rapidez d'uma obra phantastica eju-

gueu-se n'uma das vertentes dos Pyreneos, n'aquella rocha visitada por Maria, um Santuario magestoso, que tem logar distincto entre os demais santuarios do mundo. N'elle vai pois engastada a pequenina moeda que cada um dos que tomaram parte nas *Peregrinações espirituas*, teve a gloria de collocar aos pés de Maria. Nós não agradecemos a nossos leitores a dedicação da obra praticada, por que não quizeramos a tivessem feito em attenção nossa. Feita em attenção a Maria, Ella lhes obterá aquella copiosa recompensa, que costuma emanar de suas mãos providentes, quando se digna abri-las com a generosidade de Rainha e a solicitude inegalavel de Mãe. Uma supplica, sim, fazemos nós, e é, como disseramos ao principiar este artigo, nos relevem a pouca diligencia com que os convidamos a participarem de obra tão mertioria, pois se usarmos de maior cuidado, mais extensão e mais intensidade haveria no trabalho de todos, e consequentemente maior direito a mais ampla remuneração.

P.

SECCÃO SCIENTIFICA

Civilisação e Civilisação

I

Positivismo

BUCKLE, (1) famigerado positivista escreveu: «Toda a civilisação tem por base um cereal; d'est'arte as antigas civilisações africanas tiveram por base o trigo, as asiaticas o arroz e o milho, e o Perú a batata» (que não é um cereal, observa judiciosamente o nosso Oliveira Martins). De tam fecundo e luminoso principio deduziu outro positivista a explicação d'um facto importante na historia, e que se antolhava enigmatico aos partidarios da mesologia. Referimo-nos á notavel força intellectual revelada constantemente nas ordens monasticas, seja qual fór o meio, isto é, a latitude, altitude e influencias orographicas, hydrographicas hygrometricas etc. etc... que actuavam no seu organismo. Por entre as caligens medievas, a intelligencia dos monges fulgura com effeito como brilhantissimo meteoro: é o rasto luminoso guiando a humanidade na senda do progresso.

Diffundiui tanto esplendor que espancando as trevas da ignorancia e brute-

(1) Citado pelo sr. Oliveira Martins (*Raças humanas e a civilisação* pag. XXII).

za, vingou, com as mil hordas barba- ras que fizeram da Europa um cahos de horrores, constituir em fim o mundo moderno, incomparavelmente superior ao antigo. Ora facto de tal ordem requer evidentemente uma causa proporcionada, é a seguinte, consoante o discipulo de Buckle: «sabe-se que os cerebros dos homens mais intelligentes possuem grande copia de substancia phosphorica, sendo esta que determina, pela sua abundancia ou escarez, o grau maior ou menor da força intellectual. Pois bem: os monges tiveram a fortuna de adquirir copiosamente tam precioso elemento Como? é simplissimo: a base da alimentação monastica era, (ninguem se ria), era o feijão que de todos os cereaes é o mais rico em elemento phosphorico!»

Taes asserções não se refutam. Lembra-nos muito a proposito a definição graciosa do antiquario: *vir bonus delirandi peritus*. Quadra optimante aos positivistas, inventores de systemas com tenuissima camada de verniz scientifico, laboriosamente architectadas, mas que levam a verdadeiros paradoxos quando não conduzem a *positivos dispartates*. Esta ultima observação não é nossa pertence ao sr. Oliveira Martins (*Introdução das Raças humanas e a Civilização*). Não será acaso a condenação formal do seu tam decantado systema e da sua pretendida sciencia? Desculpam-se porém dizendo que se as sciencias *positivas* não explicam tudo por ora; se conduzem ás vezes a absurdos monumentaes scientificamente, é porque a *mesologia*, a *biologia*, a *sociologia*, não passam d'uns esboços de sciencias em formação, que, para se formular em corpo de doutrina, esperam ainda o homem superior, capaz de coordenar os membros dispersos representando nol-os na sua realidade organica. (O. M.)

Como se vê, os positivistas, não obstante sua fatuidade, estão ainda, como os Judeus, á espera d'um Messias. Archivemos a coufissão.

Que a raça, ou capacidade ethnica, como elles dizem, o temperamento, os habitos, o clima etc... influam d'um modo positivo no desenvolvimento physico e, até certo ponto, no moral das sociedades, ninguem o nega: pôde mesmo considerar-se como um axioma inconcuso, diz Léon Gautier. Se os positivistas não pretendessem demonstrar outra cousa, teriam a nossa approvação.

E' innegavel até, que os seus estudos positivos de mesologia, biologia e socrologia, dão, na sua esphera, optimos resultados, como teremos occasião de o constatar, e na qualidade de sciencias subsidiarias da philosophia tem alto merecimento. Pretender porém eliminar completamente a Providencia, a

alma espiritual e livre, n'uma palavra toda metaphisica, como inutil, é, consoante adverte o Concilio do Vaticano, destruir a propria natureza racional: *Jam ipsam rationalem naturam... negante*.

Affirmar que dados estes ou aquelles elementos: solo de tal natureza, atmosphera com tantos graus de calor, ho- meus d'uma determinada capacidade ethnica, mais ou menos sanguineos, ou biliosos, nesta latitude e naquella epocha da historia, havemos de obter forçosamente tal *produto*, isto é, acontecimentos e evoluções que a philosophia nova pôde determinar, com mil annos de antecipação, é pretender um absurdo tam palmar, que, digam quanto quizerem, nunca homem sensato algum o aceitará por certo. Quem dará credito a Taine, quando nos diz que a historia da civilização é apenas um ramo da chimica, e ao sr. Oliveira Martins, quando assevera com grave seriedade, que as sciencias naturaes são que nos explicam a historia do homem, animal eminente, que por uma *domesticação* longa chegou a ser alguem? (*Portugal contemporaneo*, I., pag. 425).

Como tomar a serio a M. About quando pretende, que o homem não é mais que um sargento no exercito dos macacos?

Que seria da moral, da honra e dignidade humana, se todos accéitassem, como ultima conclusão da sciencia mais transcendente, a affirmação positivista: *o homem é um mero producto das forças immanentes da natureza, não passa d'um suco digestivo aperfeiçoado?*

Que seria da sociedade com similhante doutrina?

Não obstante o seu aparente brilhantismo scientifico, o positivismo cifra-se de facto no mais novento materialismo herdado dos seculos passados. Coube a este seculo a triste missão de revestir os erros mais monstruosos e repellentes d'um colorido seductor: atheismo, panteismo imminente, panteismo absoluto, materialismo, são erros antiquissimos que os positivistas pretendem impingir aos ineptos, de involta com as theorias dos sabios modernos, que injustamente se attribuem. Notemos porém que são duas cousas muito diversas: Newton, Laplace, Faye, todos os sabios, dignos d'esse nome, e o proprio Darwin, na primeira edição do seu famoso livro, vêem na natureza o effeito do *Poder Omnipotente*, ao passo que todo o empenho dos positivistas é negar a Deus e fazer do homem um puro animal.

O seu dogma fundamental pode assim formular-se:

Ha um só deus verdadeiro e esse deus é o homem que não passa d'um bruto ou ANIMAL TURBULENTO, COMO

lhe chama o dr. Augusto Rocha. Por- que tam extraordinaria diligencia em querer equiparar o animal ao homem? A resposta a esta pergunta é simples e facil, disse já Bossuet: E' porque os homens que folgam de viver á similhança dos brutos, procuram com ardor uma desculpa plausivel ao seu proceder. E' historia antiga.

O homem revestido de honra e gloria não comprehendeu a sua dignidade: equiparou-se aos irracionaes e fez-se similhante a elles. *Homo cum in honore esset non intellexit: comparatus est jumentis et similis factus est illis*. Assim se exprimiu David, 1000 annos antes da era christá.

(Continua).

P.^o J. A. R.

A Sancta Poesia

DESDE O 4.^o BRUCULO ATÉ O 15.^o

(Vid. n.^o 19 do anno antecedente)

OS POETAS CHRISTÃOS

I

JUVENUS

† Aius Vettius Aquilinus Juvenus, nasceu em Hespanha d'uma illustre familia, o de tenra idade entrou na vida ecclesiastica. Viveu no imperio de Constantino como elle mesmo diz no fim do seu poema, e no qual dá graças a este imperador pela paz que elle deu ao mundo. Como diz S. Jeronymo, este poeta não teve receio de fazer passar a *magestade do Evangelho* pela lei da metrificação.

Historia Evangelica, é o titulo do seu poema, que elle compoz pelos annos 332 de Jesus Christo, e dividiu em quatro livros e que contem tres mil duzentos vinte oito versos.

Juvenus excitava a admiração dos auctores christãos os mais illustres e entre outros de S. Jeronymo, S. Isidoro de Sevilha e Alcuino.

Este auctor tinha a peito sobre tudo o seguir S. Matheus, e o traduz quasi ao pé da letra, completando-o por meio dos tres outros Evangelistas. Uma admiravel propriedade de expressão, uma simplicidade de estylo, completamente digna do assumpto, lhe valeram a honra de ser posto, na idade mediu, nas mãos da mocidade e servir á educação publica.

Prefacio da Historia Evangelica (1)

Nada com relação ao systema do mundo é immortal; nem o universo, nem os imperios dos homens, nem Ro-

(1) D'este poeta offerecerei aqui aos leitores, não menos de tres trechos. Tenha-se em vista que o poeta escreveu em verso latino; e que elle é o mais antigo dos nossos poetas.

ma, a cidade aurea, nem o mar, nem a terra, nem o ceu com os seus astros de fogo. Porque o Eterno marcara um tempo irrevocavel em que a chamma, devorando o mundo inteiro, o devorara para sempre. Todavia quantos homens que acções sublimes e virtudes brilhantes os fazem por muito tempo illustres quando os poetas cantam seus louvores e repetem seu nome! Uns são o objecto dos nobres cantos que correm da fonte de Smyrna (1), outros são celebrados pelos versos harmoniosos de Virgilio, o poeta do Mincio. Não menos grande é a gloria dos proprios poetas, essa gloria que fica de um certo modo eterna em tanto que os seculos fogem e as revoluções do mundo, guiadas por uma mão prudente na sua marcha regular, fazem gyrar em roda da terra e dos mares o ceu salpicado de estrellas. Se os poemas em que se misturam com arte as fabulas (2) aos factos historicos da antiguidade produziram a seus auctores uma gloria d'uma tão grande duração, a certeza da minha fé me grangeará a immortal honra de uma gloria eterna nos seculos futuros e será a minha recompensa. Porque o assumpto do meu poema será a vida de Jesus Christo, herança divina deixada ás nações e isempta de censura imposta. Longe de mim o receio que não seja esta obra arrastada para o incendio geral do mundo; pois que talvez me livrasse ella das chammas do inferno quando, sobre uma nuvem de fogo, ha de descer Jesus Christo, o juiz resplandecente de gloria, o Filho glorioso Pae, assentado sobre um excelso throno.

Vem pois, Espirito Sancto (3), vem dictar o meu poema. Doce Jordão, vem fecundar com uma onda pura o meu espirito e os meus cantos, porque elles são dignos de Jesus Christo.

A Tempestade asserenada

Entram n'uma barca; tufam-se as velas com o sôprar do vento; a barca vò sobre a onda estrepitante. Mas desde que se fizeram ao largo, o mar principia a irritar-se furiosamente; levanta-se um grande pé de vento; encapelladas montanhas d'agua surgem na direcção do ceu; já as vagas batem pela poupa; já a borrasca se desencadencia pela pròa; as vagas veem quebrar-se sobre

(1) Smyrna é uma das cidades que disputam a honra de terem sido berço de Homero.

(2) Juvencus lança em rosto aos poetas pagãos o fingimento das suas historias, e oppõe-lhes ás suas fabulas a verdade do assumpto que elle empreendeu tratar.

(3) Os poetas christãos, em vez da invocação que ás Musas fazem os poetas pagãos, invocam o Espirito Sancto.

a coberta, que ellas alagam, e os marulhos ao abrirem-se deixam ver as profundidades do mar. Jesus todavia á poupa dormia a somno solto; os discipulos e os marujos, tomados de susto, o acordam com instancia e lhe mostram o furor do mar. E Jesus lhes responde: «porque temeis, homens de pouca fé?» Então, levantando-se poz preceito ao mar, e aos ventos, e logo se seguiu uma grande bonança. Mas os discipulos não falam d'estes prodigios senão com temor, dizendo uns com os outros: Quem é este a quem os ventos e o mar obedecem?

A Simplicidade dos meninos agrada a Deus

D'ahi a alguns dias, os discipulos perguntam a Jesus quem seria, por merito, o maior no reino dos ceus. Então Jesus lhes ordena que mandassem assentar um menino no meio d'elles, e dirige-lhes estas doces palavras: «Trate de tornar-se semelhante a este menino todo aquelle que queira subir ao excelso do reino dos ceus: é certo que as redes do erro alargam-se cada vez mais com os seculos; mas a ruina será a perda sobre a partilha do homem que tiver forjado o erro! O que escandalizar porém a um d'estes meninos, melhor lhe fóra se lhe pendurasse ao pescoço uma mô de atafona, e o lançassem no fundo do mar (1).» Não desprezeis estes meninos por desamor; porque os seus anjos da guarda incessantemente estam vendo nos céos a face de meu Pae, sobre um throno excelso, sobranceiro aos astros.

«Que vos parece? se tiver algum cem ovelhas, e se se desgarrar uma d'ellas: por ventura não deixa as noventa e nove nos montes, e vai buscar aquella que se extraviou? E se acontecer achal-a: Digo-vos em verdade, que maior contentamento recebe elle por esta, do que pelas noventa e nove, que não se extraviaram.»

A Morte de Jesus Christo

Havia já chegado o dia ao meio do seu curso quando subitamente se eclipsa o sol, cobre-se de espessas trevas, e mergulha o mundo attonito na obscuridade da noite. Mas logo que o sol, n'uma tal perturbação, tem passado a hora de nòa, a luz consternada torna a aclarar o mundo.

Jesus chama clamando em lingua he-

(1) S. Matheus, cap. XVIII, v. 1; S. Marco, cap. IX, v. 33; S. Lucas, cap. IX, v. 46, e cap. XVII, v. 2.

braica por seu Pae; mas a turba ignara crê que chama por Elias. Logo corre a quem, apresenta-lhe uma ignobil esponja na ponta de uma canna, aproximada dos seus labios e força o a beber o vinagre de que estava ensopada: o resto da turba enfurecida, criva-o de improperios: «Vejamos todos se porventura descera Elias da sua habitação de paz e virá livrar este rei pregado n'uma misera cruz.»

N'este momento um grande grito escapa-se com esforço do peito do Senhor e conjunctamente a sua alma exhala se a travez dos ares.

Rasgam-se as vestimentas do sancto templo e o veu dilacerado separou-se em duas metades; a terra é posta em agitação por um terremoto horrivel; os rochedos saltam, com violencia arrancados das cordilheiras; as pedras abrem-se e os antigos tumulos ficam meio abertos, e animados os esqueletos com as almas viventes, mostram-se aos olhares do povo e erram pela cidade: assim um profundo terror se espalha pelo mundo. Os proprios soldados, os encarregados da guarda dos corpos dados ao supplicio, os primeiros agitados pelo medo proclamam o Filho de Deus e reconhecem-O como o Christo prometido.

(Continúa).

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

45.º

CVII

P. João Brisacier

Em meados do seculo XVII appareceu no seio da Egreja uma terrivel heresia que, sob a capa de zelo religioso, e sem se separar abertamente da Egreja Catholica, antes dizendo-se defensora da sua pura doutrina, não visava a outro fim que á destruição da mesma Egreja: temos indicado o jansenismo, assim chamado do seu chefe, Cornelio Jansenio, fallecido Bispo de Yprès em 1638.

Os erros de Jansenio, contidos no seu famoso livro *Augustinus*, foram condemnados pela Santa Sé, e por muito tempo a Egreja se viu obrigada a pronunciar-se contra o jansenismo, os seus principios e consequencias, que minavam pela base o edificio cathoiico.

Esta lucta da verdade contra o erro durou por todo o seculo XVII, e ainda no seguinte os catholicos se empenha-

ram em combater energicamente essa perigosa e funesta seita.

Na vanguarda do exercito catholico esteve sempre collocada a Companhia de Jesus, já conhecida n'os combates contra Luthero e Calvino: os jesuitas foram os primeiros e os mais esforçados campeões da causa catholica contra a seita jansenista, e, coisa notavel, não houve um só jesuita que com razão podesse ser accusado de seguir ou de favorecer o pestifero jansenismo.

Entre os muitos filhos de Santo Ignacio que se distinguiram n'esta cruzada, occupa o primeiro logar o P. João Brisacier: o seu zelo contra os sectarios de Port Royal lhe deu grande reputação na Companhia de Jesus.

Nasceu este insigne polemista em Blois (França), em 1603, e ainda joven entrou na Companhia de Jesus, na cidade de Lyon. Ensinou humanidades e philosophia em varios collegios da sua Ordem, com reconhecida competencia.

Em seguida cultivou a Oratoria sagrada com muito zelo e fructo; foi missionario na diocese de Castres, e confessou elle que tinha sido o tempo mais feliz da sua vida aquelle que empregou nas missões.

Regeu os collegios de Aix e de Blois, o de Rouen e a casa professa de Paris; visitou a Provincia de Portugal, e, regressando á sua patria, falleceu a 10 de setembro de 1668.

Foi o P. Brisacier um homem laborioso, intrepido e expedito: a sua vida, desde que entrou na Companhia, foi inteiramente consagrada ao estudo, á pregação e a todos os negocios pertencentes á sua ordem e á Igreja, que elle sempre desempenhou com inteiraza e zelo.

As suas obras principaes foram escriptas contra Port Royal, mosteiro jansenista; cita-se o livro *O Jansenismo confundido*, publicado contra o dr. Arnaldo, que se declarou chefe da seita.

A obra do P. Brisacier é escripta em forma de pamphleto, em linguagem forte e picante, que muitos auctores censuram. De accordo. No emtanto não eram mais moderados os seus adversarios; e em todo o caso a verdade estava do lado do jesuita. E assim vemos que o seu livro foi approvado por muitas pessoas respeitaveis d'aquelle tempo.

CVIII

P. Alberto de Albertis

Para se apreciar este jesuita bastaria saber o que d'elle diz o insuspeito Daniel Concina, dominicano, pois chama-lhe *celebre theologo, propugnador da mais sã doutrina, da inclyta Companhia de Jesus*.

Alberto de Albertis nasceu na cidade

de Trento, em 1593, e alistou-se na Ordem de Santo Ignacio em 1615. Ensinou rhetorica e mathematica em alguns collegios, e no de Milão interpretou a Escripura Sagrada por 14 annos. Voando por toda a parte a fama da sua sciencia e prudencia, era consultado nas questões mais difficeis.

Prégou com unção e fructo em muitas cidades de Italia, e em Cremona serviu aos apestados, a quem sem receio ministrou os sacramentos.

Esteve muitos annos na casa professa de Roma, onde exerceu o cargo de Padre espirital.

O P. Alberto de Albertis, religioso tão pio como douto, falleceu de avanzada idade nos fins do seculo XVII, ainda que não podemos saber precisamente o anno do seu passamento. Deixou obras estimaveis sobre mathematica, rhetorica e theologia, escrevendo tambem em defesa da Companhia de Jesus.

CIX

P. Valerio Reginaldo

Nasceu em Usés (França), no anno de 1543, d'uma familia obscura e pobre. Foi discipulo dos famosos jesuitas João Maldonado e João Mariana, em Paris; não admira que de tão grandes mestres sahisse um tão eminente discipulo.

Ensinou em varios collegios da sua Ordem, principalmente em Bordeus, em Paris e em Dole, philosophia e theologia, com fama de doutrina.

O P. Reginaldo era um religioso de vida santa: possuia tão profunda humildade, que na hora da morte, dizendo-lhe alguém coisas de louvor, respondeu chorando: Não continueis com taes caricias; nem vivo nem morto desejo ser louvado; pedi antes a Deus que me dê perennes lagrimas com que lave os meus peccados.

Era todo cheio do temor de Deus, e o fazia derivar aos que o tratavam. Em extremo zeloso pela salvação das almas, optimo director das consciencias, assiduo no tribunal da Penitencia, fez muitas conversões.

Morreu em Dole, com opinião de santidade, a 14 de março de 1623. Constando a sua morte, concorreu ao Collegio immenso povo a beijar-lhe as mãos.

Entre outros escriptos que publicou, mencionaremos a aurea obra *Da prudencia do confessor*, tão recommendada por S. Francisco de Sales; é o melhor abono do seu merecimento.

Notemos agora que o nome do jesuita Valerio Reginaldo é um dos que figuram nos libellos dos inimigos da Companhia de Jesus, em França e em Portugal! Mas o testemunho do Santo Bispo

de Genebra vale mais que as satyras dos jansenistas.

(Continua).

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Africa

Em umas linhas a respeito da Africa, e quem as escreveu dizia que os meios pelos quaes Portugal poderia conservar sua posição soberana n'aquellas regiões, seriam estes: *expedições, missões scientificas, processos habeis de colonisação*.

Não disse nada, pois que deixou de mencionar a base de tudo e a vida de tudo—*as Missões religiosas!* O espirito moderno tudo quer á sua feição, e assim deixa de ter em conta a Missão religiosa, embora se metta pelos olhos de todos, como provado pelos factos de todos os seculos, que a Missão religiosa é o meio sem igual de moralisar, civilisar, adquirir influencia e assegurar justo dominio sobre os povos. Se o governo portuguez não tivera, quasi que absolutamente, abandonado por muitos annos os interesses religiosos na Africa, não tivera violentamente fechado os conventos, viveiros fecundos de missionarios, a situação actual seria outra. A influencia religiosa produz *naturalmente* a influencia temporal nos povos, e se o nome portuguez é ainda hoje, e depois de tudo, o nome mais sympathico na Africa, é isto, primariamente, se não exclusivamente ao menos n'uma parte da Africa, devido aos Missionarios de Christo, aos Missionarios obedientes ao Vigario de Christo. Os conquistadores de almas para Deus foram os elementos para a conservação da sympathia africana aos portuguezes; os conquistadores de territorios, enviados da metropole, não se acham nem sequer talvez na lembrança d'um indigena.

A França, potencia de primeira ordem, mesmo em republica perseguida de frades, protege nas suas colonias as Missões dos frades e em toda a parte onde exerce sua influencia politica. O governo inglez não manda, mas auxilia ou protege na Africa os *missionarios protestantes inglezes*, não pondo barreiras aos Missionarios catholicos, demonstrando assim, que pela *Missão religiosa* se adquire importancia e influencia na Africa e nas outras partes do mundo. A Hollanda concede passagem e subvenção do cofre do Estado aos Jesuitas para que estes missionem em todas as colonias hollandezas. A Hespanha, em todas as diferentes si-

tuções politicas que n'ella se teem da do, nunca investiu com nenhum dos conventos, cujos frades sustentaram e sustentam missões nas colonias hespanholas e sempre respeitou as escholadas Congregações. Já n'outra parte citamos aquelle dizer d'um governador das Philipinas ao almirante Scarnichia, de cuja bocca o ouvimos: «Antes que-ro que o governo me faça vir 25 Missionarios que me envie 3:000 soldados.» E 3:000 soldados hespanhoes valem bem, nas colonias, 30:000 soldados.

Se o governo de Lisboa não tivera andado tão erradamente com relação aos meios de missionar a Africa pelos membros das Congregações ou Institutos religiosos; se mesmo ha vinte annos tivera accedido a uma proposta de Missão catholica, que lhe foi feita em condições de todo realisaveis, como de sciencia certa o sabemos, não teria havido o congresso ou Conferencia diplomatica em Berlim, onde tanto perdeu a Corôa portugueza e nada ganhou, nem tão pouco se daria a tão melindrosa actual questão com a Inglaterra!

Os taes meios!... As expedições para conquistas ou combates de aquisição ou conservação de dominio!... Isso pôde ter algum valor em occasiões, mas jámais como um meio ordinario ou commun para criar ou sustentar influencia dominadora. As missões scientificas, mandadas aos indigenas africanos, equivalem a consideravelos sabios, e isto é uma loucura. Os processos habeis de colonisação, não passariam d'uma chimeira uma vez que á tal habilidade faltasse a base e acompanhamento religioso!

O modernismo vê e procede a seu modo, pelo que não deixa de dar continuamente cabeçadas. Se o espirito moderno não houvera entrado (desgraçadamente!) tanto a dentro na direcção das cousas publicas portuguezas, Portugal com suas provincias do ultramar estariam n'outras condições, e a Africa portugueza não seria disputada aos portuguezes, como o foi no Congresso ou Conferencia de Berlim e o é agora pelo governo britanico, nem sequer existiria a actual Conferencia ou Congresso de Bruxellas.

A falta de verdadeiro cuidado por parte do governo de Lisboa durante mais de 50 annos, relativamente á grande extensão afro-lusitana, excepto alguns pontos ou ainda regiões, chegou ao ponto de ser considerada nullius uma extensissima parte d'aquelle continente, que nunca antes tinha sido deixada de ser considerada na Europa como do dominio portuguez ou de protectorado e influencia de Portugal. Deus puniu o indeciso abandono!

Ultimamente tem o governo de Lisboa dado mais attenção ás cousas afro-lusi-

tanas e se não cuidar d'ellas ainda mais, Portugal só terá imperio n'uma parte do littoral africano, e depois nem assim! O supremo, o insupprivel recurso para conservar e desenvolver a importancia de Portugal na Africa, consistem nos Conventos, dos quaes saíram os Missionarios, para levarem lá a Religião com a sua natural consequencia—a Civilisação, e ao mesmo tempo sendo o meio mais barato pelo que diz respeito a subvenções, que mais tarde serão desnecessarias, pois que os frades são sobrios até ao exemplo, e elles mesmos laborarão a terra para o proprio indispensavel sustento. Esta é a verdade, e mesmo os factos o provam! Os Conventos de Missionarios para Africa, os Conventos em terras africanas, eis os fortes baluartes do nome portuguez! Sem isto tudo, o mais será insuccesso. Ha não muitos annos foram concedidos pelo governo uns centenares de contos de reis, de uma vez, para trabalhos e obras publicas na Africa, e depois o que se viu? Com apenas uma parte d'aquelle dinheiro os Conventos dariam grandes e verdadeiros resultados, e o mesmo governo seria indirectamente embolsado com magna vantagem.

Dom Antonio de Almeida.

Infeliz questão

EM 5 do mez passado foi o fausto anniversario do digno representante da Sancta Sé. Varios jornaes felicitaram a S. Ex.^a, e entre elles o *Amigo da Religião*, transcrevendo da «Palavra» dizia o seguinte:

«A nunciatura de Monsenhor Vicente Vannutelli deixará indelevel e gratissima recordação entre nós. Illustrado e prudente, affavel e insinuante, o illustre Prelado conta em Portugal muitas e valiosas sympathias, mesmo entre aquelles que costumam ver no Representante da Sancta Sé um inimigo irreconciliavel. Haja vista ao que se passa no jornalismo insuspeito de catholico, quando se tracta do illustrado Nuncio: jámais, que nós sabemos, esse jornalismo hostilizou systematicamente o actual representante do Sancto Padre, antes, ao inverso, tem feito, quando se proporciona ensejo, francos e insuspeitos elogios á correção de seu procedimento como diplomata eximio e como Prelado dignissimo.

«Ha excepções, felizmente pouco numerosas, n'esse côro de justos encomios a Monsenhor Vannutelli; e, para vergonha de nós, catholicos, essas vozes discordantes veem principalmente do nosso campo. Alguns catholicos ha-

que sonhando conflictos que nunca existiram, fazem côro com os inimigos da Igreja, calumniando á socapa o illustre Representante de Leão XIII e, attribuindo-lhe malevolas intenções, com o que, além de falsearem a verdade, causam desunião nas fileiras catholicas, o que é de lamentar.

«Outros ha, collocados n'uma posição elevada e de responsabilidade, mas dementados pelo seu estulto orgulho e extremamente vaidosos de sua apregoa-da sciencia, que hostilizam o illustrado Nuncio, porque S. Ex.^a Rev.^{ma} os não auxiliou, como não podia sem faltar a seus deveres, na rebelião em que esses taes se collocam contra o seu Prelado, por este propugnar pelos inafe-riveis direitos da Igreja, ao passo que os revoltosos, que queriam passar por catholicos sem mancha nem iscados d'hybridismo, defendiam um regalismo mais extremo que o posto em acção pelo marquez de Pombal.

«Estas vozes discordantes perdem-se, porém, no concerto unanime dos que entoam merecidos louvores a Monsenhor Vannutelli; e apenas se apercebem, cai sobre ellas a justa recriminação das pessoas sensatas e imparciaes, porque estas sabem perfeitamente que essa discordancia é filha do despeito e do orgulho offendido.»

Magôam-nos de véras estas divergencias, e é triste, dolorosamente triste, haja alguém, entre catholicos, entre o clero, que se arroje a angustiar o Representante da Sancta Sé, quando n'elle avultam qualidades distinctas como as que nobilitam a Monsenhor Vannutelli.

Ao ser condemnada a Memoria do sr. Dr. Damasio, a Ordem, n'esse tempo sob direcção d'um illustrado membro da Faculdade de Theologia, ao terminar a narração do facto, rematava simplesmente: *Roma locuta est, causa finita est*. Hoje, esta proposição, que foi sempre axioma no campo da orthodoxia, parece diminuir de força.

Tantos admiram Fenelon e Lacordaire, poucos os imitam.

Será por ser em extremo rara a magnanimidade de Fenelon e Lacordaire?

E' certo: para se ser grande ha-se de ser consoante instigava o tentador *Eritis sicut dii*; e esta grandeza é a falsa grandeza, a grandeza mundana, ou como eminou com seu exemplo o Redemptor *Verbum caro factum est*.

Ah! Deus se amerceie de nós, e livre Portugal d'um escandalo que ensombre uma pagina da historia da Igreja.

Quem não pode sustener-se por si, sustenha-se pelos seus amigos, pela sua familia, pela sua patria, pelo ane-ceio de todas as almas sinceras, todas, que choram amargamente o triumpho

dado aos que não são de Christo por publico *Die Koelnische Volkszeitung* (a ma o Calendario de Dalen, pagina 267, aquelles que são de Christo. Facto de *Gazeta Popular de Colonia*) no seu n.º ha em Hespanha o numero colossal de veras crudelissimo. De 12 do corrente, um importante ar- 580 lojas. Em que espirito trabalham

No longo percurso da questão, o *Pro- ligo de fundo, do qual vamos traduzir as ditas lojas o provam os testemunhos gresso Catholico* conservou se alleio a alguns paragraphos pelos julgarmos emittidos pela *Chaine d'Union*, hauri- dos dos principaes maçons e de seus ella, pelo muito que nos doia tocar em de muita importancia. orgãos na imprensa. O delegado do

tão malfadado assumpto e ver defen- «Depois de demonstrar que o impera- dor D. Pedro II do Brazil foi derrubado Grande Oriente hespanhol assegurou dida a verdade por denodados luctado- do throno pela maçonaria do seu rei no Congresso maçónico de Paris que ao ponto em que hoje se encontra, po- no, unida e concertada para este fim o seu Grande Oriente era o mais fiel derá de nós dizer-se: *Qui tacet consen-* pelo ultimo Congresso maçónico cele- aliado do francez (pag. 294.) O perio-



CASTELLO DA EDADE MEDIA

tire videtur. Não é assim porém. O *Progresso Catholico* nasceu com a Igreja, vive com a Igreja, morrerá com a Igreja: depois que Roma emittiu seu parecer, não pode haver oscillações sobre a opinião a seguir.

E. I.

A maçonaria no estrangeiro

A *Palavra* transcrevemos, para illucidação de todos, e em harmonia com o que se tem dicto em os n.ºs antecedentes, o valioso artigo que segue:

«Com o titulo acima indicado

brado em Paris no ultimo verão, e de declarar que o mesmo D. Pedro era maçon do gran 33, expressa-se n'estes termos ao occupar-se da maçonaria em Hespanha e Portugal:

«Os thronos cuja ruina prosegue agora a maçonaria unida, são os de Hespanha e Portugal e principalmente da Hespanha.

«Tudo se poz em movimento para destruir a antiga e catholica monarchia de Hespanha e favorece tambem seus trabalhos o protestantismo.

«Desde ha annos se trabalha systematicamente pela imprensa liberal em favor da maçonaria. Segundo affir-

dico maçon de Sevilha *El Taller*, diz com todo o descaramento: «A ordem não tende tanto ao aniquillamento dos monarchas e do Papa, como à destruição da autocracia. Comprehende se que se o altar e o throno se fundam na ignorancia e indiferença, os ensinamentos da maçonaria não se fazem para afirmar taes fundamentos (pag. 235.)» *La Verdad*, jornal maçon de Oviedo, diz: «O ideal politico da maçonaria é a democracia (pag. 162): quer dizer, a republica.»

La Concordia, de Barcelona, disse a respeito do anno de 1789: «Esta inolvidavel data, na qual os povos romperam as cadeias da tyrannia, deve ser

muito apreciada de toda a maçonaria do mundo. Gloria á nossa ordem que n'este grande successo, o mais glorioso da historia moderna, tão importante papel lhe coube em sorte.

«Do poder que as lojas hespanholas teem alcançado na vida publica, ha o eloquente testemunho de que seus grans mestres teem sido varias vezes presidentes do conselho de ministros. Assim o Sr. Ortiz, a quem os maçons attribuem tanta gloria, foi ministro quando expulsou os Jesuitas e fechou 400 conventos, e os importantes Sr. da actualidade Sagasta, Castelar, Zorrilla e outros, são maçons d'alta graduação. Que as lojas de Hespanha teem tudo na sua mão, é assás conhecido.»

O articulista allemão considera a triste situação em que se encontram pelo mesmo motivo Portugal, a Italia, a Belgica e a Austria Hungria; porém das duas primeiras nações diz que lhe chegará a vez da perseguição geral da maçonaria immediatamente depois da de Hespanha.»

Veja-se pois com que actividade proseguem as seitas subversivas em sua faina de destruição. Os filhos das trevas são mais activos que os filhos da luz. Em quanto estes parece dormirem nos braços d'uma podre paz octaviana, elles, os adversarios ajuramentados de toda a ordem social, estendem por todo o mundo a rede miuda de suas tramas vigorosas, e no momento que julgues adequado, basta-lhe um movimento de mão, para tudo ficar promptamente preado. Quem sabe a historia, lembre-se das convulsões que n'este seculo tem perturbado o mundo, e quem não sabe ahí tem no Brazil um exemplo recente, d'um frisantismo que não consente duvidas, a evidenciar como d'um lance se derriba uma monarchia e se eleva uma republica, cujo presidente, de coherencia com a *sancta abnegação de bom amigo do povo*, talha para si, no primeiro anno, a fatia orçamental de 120 contos de reis. E' bem certo: a questão não é de principios, (quem se importa hoje com principios?) a questão é de *Ans*.

A Hespanha pois com 580 lojas, e Portugal com 8:000 maçãs, tudo gente preponderante por haveres e intelligencia, apenas saia voz d'ordem do conselho supremo, ficarão sob a mão de ferro d'um Deodoro qualquer, e de pois só Deus sabe o que será. (1)

Os chefes de estado, em sua maioria ao menos, nas relações com as seitas, teem adoptado o systema de Bonapar-

te, considerando-as uma especie de derivativo saudavel ou uma valvula de segurança, convenientes para dar saída ao excesso dos vapores revolucionarios. Erraram gravemente os chefes. Ao discutir-se em pleno senado os artigos 291 e 294 do cod. penal,—diz o P. Gyr—que prohibem as reuniões de mais de vinte pessoas, o conselheiro Maraire pediu excepção para a maçonaria. «Não, não—acudiu Napoleão—*protegida não é ella de temer*; auctorizada pode tornar-se forte e fazer-se perigosa.» D'ahi a protecção que lhe teem dado os principes, sendo por ella dominados quando julgavam contel-a. D. Pedro II tinha o grão 33, o que o não impediu de largar o poder, sendo o decreto de proscricção lavrado no mesmo dia (19 de novembro) como lembra o nosso collega da *Cruz e Espada*, em que 55 annos antes fóra lavrado o da expulsão do sr. D. Miguel de Bragança.

Outra circumstancia aponta o artigo transcripto, que não deve passar sem o merecido reparo, e é *que desde ha annos se trabalha systematicamente pela imprensa liberal em favor da maçonaria*.

E qual é a imprensa liberal? Dêmos n'este assumpto a palavra a um auctor do maior conceito, encomiado pelo nosso Sanctissimo Padre, o Papa Leão XIII, no muito, e bem, que ha escripto com relação ao caso pertinente: é D. Felix Sardá y Salvani, redactor da *Revista popular*. No seu excellento opusculo, *El Liberalismo es pecado*, traduzido na maior parte das linguas cultas e na portugueza tambem, diz elle, referindo-se á imprensa liberal: «Nenhuma confiança devem inspirar-nos, em materia de Liberalismo os periodicos que se honram (ou deshonram) de a si proprios se chamarem liberaes e como taes se portarem.» O erudito Salvani avisa-nos de que nos cumpre olhar como suspeito o que semelhantes periodicos recomendam ou applaudam em materia de religião.

«Illa—continua o mesmo auctor—uma classe de periodicos, menos declarada e pronunciada, que se compraz de viver na ambiguidade das côres indefinidas e tintas indecisas; que a toda a hora se chama *catholica* e de vez em quando detesta o Liberalismo, em quanto á palavra ao menos. E' a classe dos *catholicos liberaes*. D'esta ha muito menos que falar: cuidado! não nos illaqueie com suas hypocrisias e pietismos. E' certo que a tendencia o caso predominará n'ella a apurancia liberal com damno da catholica, ainda que se proponha viver irmamente entre ambas.»

Ficam agora conhecendo os leitores a imprensa liberal pelo delineamento que d'ella traçou um mestre? Pois essa tal imprensa, mais talvez que a rasga-

damente impia, ha causado um mal immenso, como instrumento docil da maçonaria.

E perguntamos agora: quantos catholicos a tem auxiliado? Quantos assignam periodicos d'esta laia ou os pagam a dez reis quotidianamente?

Dir-nos-ão talvez, com aquella *vigorosa logica* de que se valeu Eva no paraiso, que os jornaes catholicos não satisfazem, que são deficientes em esclarecimentos de interesse commum, que a linguagem não attinge n'elles o apuro encomiado por S. Francisco de Sales e solicitamente recommendado pelo Sancto Padre Leão XIII, que vão na esteira dos demais dando as noticias com atraso, etc. etc. Ila n'isto alguma verdade, não o negamos: verdade que os não desculpa, porque na alternativa de tomarem um creado moroso mas fiel, ou um creado activo mas ladrão e assassino, optam promptamente pelo primeiro que não pelo segundo, mas emfim ha no que dizem alguma verdade. No emtanto, quando foi que os catholicos auxiliaram lealmente, com umas amostras de dedicação, a imprensa jornalística antiliberal? Portugal, só no continente, enumera 3:799 parochias; em cada parochia, termo medio, pôde seguramente contar-se, incluindo o clero, com 4 assignantes, catholicos decididos e amigos da sã imprensa, o que produz um total de 15:196 assignantes, que, zelosos em seus pagamentos, sustentariam dois magnificos jornaes, um ao sul, outro ao norte do reino, em Lisboa e Porto por exemplo, capazes de se medirem, noticiosa e litterariamente falando, com os órgãos tão multiplicados e tão assignados da imprensa liberal.

Mas não se faz: os filhos das trevas são mais activos que os filhos da luz, porque aguardando sua recompensa na vida presente, visto não crerem na futura, afanam-se mais desveladamente a empolgar o estipendio, embora exiguo, que lhes está quasi á mão; os filhos da luz, lidando pela vida futura, que ao que parece lhes fica distante, baldos de longanima perseverança, a preciosa virtude que dá a salvação, deixam-se enredar n'umas desleixadissimas indolencias, que grandemente teem dado auxilio á deploravel situação em que ha tanto nos achamos, não sendo facil prever quanto peor virá a que n'um futuro proximo nos aguarda. Praza porém a Deus não ouçam elles um dia aquelle *nescio vos*, castigo terrivel d'uns fataes descuidos de que falla o Evangelho.

Um que não assigna a imprensa liberal.

(1) Agora mesmo lemos no *Diário Illustrado*, n.º 6:016: «Desejo ao sr. Latino Coelho umas grandes barbas para poder representar de Deodoro em terras lusas.» *Cela s'en va sans dire.*



SECÇÃO ILLUSTRADA

Sé de Portalegre

(Vid. p. 57)

POR meado do seculo XVI, fôra por trinta annos bispo da Guarda D. Jorge de Mello, tendo sempre sua residencia fixa na então villa de Portalegre, que pertencia áquelle bispado. Fallecido D. Jorge de Mello e acostumados os moradores de Portalegre á convivencia do prelado, D. João III, movido por egual da nimia grandeza da diocese, solicitou do Papa Paulo III a creação d'um novo bispado, constituido com desmembrações dos da Guarda e Elvas. Accedendo o Soberano Pontifice ás instancias do monarcha portuguez, foi erecto o bispado por bulla de 18 d'agosto de 1549 e pouco depois nomeado para seu primeiro bispo D. Julião d'Alva, capellão e esmoler-mor da rainha D. Catharina. Deficientes as egrejas d'então para as ceremonias do cabido, não descançou o zeloso prelado em quanto não viu começada obra que satisfizesse ás condições exigidas. Foi pois com as costumadas solemnidades lançada a pedra fundamental do edificio no ponto mais sobranceiro da cidade (que já n'este tempo o era) em 14 de maio de 1556, vindo a obra a terminar pelo generoso impulso que lhe incutiu o terceiro bispo D. Fr. Amador Arraes, que tão distincto logar occupa na republica das letras.

Tem o templo tres naves, rematadas por abobada de laçaria, que assenta em dois renques de columnas gothicas; innundam-no de luz as seis janellas da frontaria além das dôze lateraes e as duas do zimbório, que o tornam, como diz o snr. Pinho Leal, um dos mais claros e alegres do reino. O seu côro e orgão são dignos de apreço.

Nas paredes e pavimento da igreja, encontram-se inscripções designativas de varias notabilidades alli sepultadas, entre as quaes é digna de particular menção a de seu fundador, que embora transferido para a prelatura de Miranda, determinou lhe dessem sepultura na sé de Portalegre. Encontra-se na capella-mór e é do theor seguinte:

AQUI JAZ D. JULIÃO D'ALVA

PRIMEIRO BISPO D'ESTA CIDADE,
CAPELLÃO-MÓR D'EL-REI D. SEBASTIÃO,
FEITURA DA RAINHA D. CATHARINA
SUA AVÓ

FALLECEU EM 13 DE FEVEREIRO DE 1570

Foram bispos de Portalegre: D. Julião d'Alva; D. André de Noronha; D. Fr. Amador Arraes; D. Diogo Corrêa; D. Rodrigo da Cunha; D. Fr. Lopo de Sequeira Pereira; D. João Mendes de Tavora; D. Bernardo d'Almeida; D. Ri-

cardo Russel; D. João Mascarenhas; D. Antonio de Saldanha; D. Fr. Domingos Barata; D. Alvaro Pires de Castro; D. Manuel Lopes Simões; D. Fr. João d'Azevedo; D. Jeronymo Rogado; D. Pedro de Mello e Brito da Silveira Alvim; D. Fr. Manuel Tavares Coutinho; D. José Valerio da Cruz e D. José da Soledade Bravo.

A diocese de Portalegre ficou supprimida na ultima circumscripção ecclesiastica.

Castello da idade media

(Vid. p. 63)

Senhores da Europa os romanos, mas sem por completo sopearem os indigenas, cuja nobresa de character reagia de continuo contra os oppressores, se-meavam por toda a parte, na Germania, nas Gallias, na Britannia e na Peninsula, aquelles famosos castros, onde as aguias do Tibre se erguiam como signal de pavor aos obstinados que se negavam a curvar a frente ao imperio dos cesares.

Castrum Canicum, Castrum Corvulinum, Castrum Melliani, Castrum Villanum, Castra Alata, Castra Cornelia, e tantas outras designações d'esta especie, certificam-nos ainda hoje a multiplicidade d'esses reductos, antros temiveis, onde se acoitavam as hostes dos *proconsules* ou *vicarios*, para cortarem na garganta a voz de independencia e liberdade áquelles que ousadamente a proferissem.

De embate ás lorigas romanas vieram os dardos penetrantes dos septentrionaes, e nacionalidades novas surgiram d'aquelle cahos de sentimentos, de costumes, de aspirações, de povos emfim.

As fortalezas continuaram porém a ostentar-se no viso das serras, nas adjacencias das pontes, n'aquelles sitios naturalmente mais adequados ao estabelecimento de pontos estrategicos.

Os primeiros castellos da idade media datam do seculo IX, edificados no reinado de Carlos, o Calvo, para erguer um dique ás aggressões incessantes dos normandos, e sabe-se que Frotaire, bispo de Périgueux, no fim do seculo X, mandou construir tres nos seus domínios. O movimento dos cruzados, multiplicando o numero dos senhores, a quem fôra dado o direito de levantar castellos, que por sua vez o outhorgaram a seus vassallos e homens lidios, augmentou em larga escala estas edificações de guerra, tão numerosas na França e na Allemanha, onde o feudalismo enraizou mais que em nenhuma outra parte, tão notaveis nas quasi continuas desavenças entre visinhos, tão decantados nas lendas nacionaes, e, no tempo de paz, sob a presidencia das donairosas castellãs, theatro festi-

val d'esses magnificos sarãos, animados pelo canto do menestrel, constituidos tanta vez em tribunaes de amor, em academias divertidas da *gaia sciencia*, em conselhos pacificamente bellicos, por assim dizer, em que se discutiam os planos dos esplendorosos torneios—delicias por tanto tempo dos cavalleiros da meia idade.

Nunca em outras eras a briosa dignidade do homem, promanada da intrepidez franco-germanica e policiada pela influencia veneravel da Igreja, assomou a sublimidade tão excelsa, como nos seculos em que era o castello a assembléa da tribu e a eschola onde os filhos d'algo, reunidos em torno do senhor, apprendiam o manejo das armas e instruiam-se nas maneiras e deveres da cortezia.

Aqui, attingia o donzel a idade de *pagem*, levava sete annos no mister de *escudeiro* e só depois dos vinte e um entrava no templo da *honra*, alcançando ser nomeado *cavalleiro*, para o que lhe incumbia passar por ceremonias simultaneamente commovedoras e magestosas.

Cortavam-lhe o cabelo, symbolo de escravidão; vestiam-lhe um habito branco, symbolo de pureza; um escarlata, symbolo de sacrificio; outro preto, symbolo da morte, a que todo o homem está sujeito. Jejuava rigorosamente vinte e quatro horas, velava durante a noite as armas na igreja, só ou acompanhado dos padrinhos; no dia seguinte confessava-se, commungava, assistia à missa do Espirito Sancto e apprendia no sermão da solemnidade os deveres a que em breve ia ficar sujeito. Adeantava-se para juncto do altar, o sacerdote benzia-lhe a espada, e varios cavalleiros ou damas davam-lhe os demais aprestos, as esporas douradas, a couraça, a saia de malha, os braçoes e as manoplas. Cingida por fim a espada pelo rei ou senhor que o armava, ficava *adoptado*. Munido de capacete, de escudo e lança, montava a porta do templo sem se valer do estribo, e na presença da multidão que affluia dava algumas voltas na praça ao pé do castello.

Tal o noviciado dos heroes.

Por seu lado, o sexo formoso, no percurso d'estas eras cavalheirescas, enaltecia-se d'uma auréola de tam casta isenção, que no seculo torpe em que vamos é motivo de assombro ou talvez de duvida. Educado no mais strito rigor da modestia christã, entre o trabalho manual e a oração continuada, tomando por exemplar correctissimo a Maria, virgem e mãe, ascendeu a tanta venerabilidade, que nunca em tempo algum se tornou seu imperio mais preponderante e efficaz. Foi então a epocha de sua real emancipação: onde te-

mos hoje heroínas que se nivelem com Branca de Castella, Margarida de França, Philippa de Lancastre, Alice de Montmorency e Beatriz de Lorena!

Não mais nememos pois a idade media illudidos por aquelles que a combatem por n'ella verem a preponderancia da Egreja. Estudando-a, cumpre-nos collocar ao lado dos defeitos que porventura a inquinaram, as nobres instituições, os costumes honestos, as virtudes sublimes, que serão sempre seu apanagio nobilissimo. M. F.

SECÇÃO NECROLOGICA



—Em Celorico da Beira, falleceu o veneravel pae da nossa assignante, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria do Carmo de Jesus e Sousa.

—Da casa da Custariça, em Cervães, escreve-nos com data de 25 de dezembro findo, o Rev.^{mo} Padre Manuel Baccellar: «N'esta casa quiz Deus que as festas d'estes dias fossem luctuosas. Hontem falleceram duas pessoas de nossa familia! Minha tia e madrinha, depois de haver jantado conosco na forma do costume e sem dar signal algum de particular incommodo, foi com a mais familia para a capella a dar principio aos exercicios que é de costume fazerem se para o publico em dia de Natal. Precisamente quando se cantava:

«E quando o dia chegar,
A ultima hora bater,
Vinde, ó Mãe de Piedade,
A minha alma receber!»

caiu para o lado instantaneamente morta por uma apoplexia fulminante!

«Aquillo não pareceu morrer, pareceu voar para o Céu. Mal porém se pode imaginar como nos deixou tão subitaneo golpe.

«Para complemento, quando cada um em seu aposento abafava em si, como podia, a saudade de ente tão querido, os gritos dolorosos de minha cunhada, vieram certificar-nos que uma filhinha sua, de 3 annos, um pouco doente ha dias, fallecera tambem, indo fazer companhia á tia!»

Perante este lance doloroso pedimos instantemente a nossos leitores não esqueçam em suas preces estas almas queridas chamadas para Deus. Sabemos que a virtude lhes era norma peculiar; mas sabemos tambem que o grande D. Bosco, o S. Vicente de Paulo do seculo IX, que um milhão de orfãos deixou abrigados sob o manto de sua

immensa caridade, sentia devéras, á hora ultima, que, pela virtude que n'ella julgavam, fosse esquecido nas orações de seus amigos.

Se D. Bosco assim se expressava. quem, dotado de sentimentos christãos, poderá olvidar algum citado perante o rigorosissimo tribunal de Deus?

Oremos, oremos pois, assidua e fervorosamente, por aquelles que fallecem. D. P.

SECÇÃO LITTERARIA

VISÃO

(Ao Ex.^{mo} Sr. Abílio A. de Lima Duque)

Era noute. Eu estava á beira-mar,
Sobre uma rocha negra e curcomida,
Contemplando á luz doos do luar
A natureza immensa adormecida!

No ceu, cheio d'estrellas a brilhar,
Fitava a minha vista embevecida;
De cada astro no fulvo scintillar
Via um nome, uma idea indifinida...

E enquanto as onças n'um gomer maguado,
Envoltas em mil luzes de fulgor,
Beijavam o rochedo alcantilado,

De cada astro no vívido esplendor
Eu via sempre um nome immaculado.
Esse nome era — Deus — o Creator...

Seminario d'Angra.

Osorio Gomariz.

RETROSPECTO

Por Italia.—Em 19 do mez ultimo, festejou se em Roma o anniversario da morte de Oberdank com vivas a Trento e a Trieste, e gritos tumultuosos de abaixo a triplice alliança! A bandeira vermelha tremulou no meio da multidão, sem que a policia se lembrasse de pôr impedimentos. Oberdank foi apontado como exemplar de patriotas, as tropas estiveram a postos, mas não occorreu incidente notavel.

Na camara, apesar das promessas ha tempos expressas por Crispi, de, por emquanto, não apressar a lei sobre as Obras Pias, foi esta promulgada, conspurcando-se o governo usurpador com mais esta notavel infamia. Como é de ver, lavra por toda a parte a indignação contra o trigamo ministro, tão prompto em lançar mão sacrilega as Obras Pias, como em dispender largamente com a digressão principesca da sua dama, que na visita a Palermo gastou a insignificancia de 45 contos. E grita-se contra o fausto dos monarchas! A disparidade patente entre o que se diz e o que se faz, leva-nos a crer, que se o mundo physico começou catholicamente, d'ess'arte ha que fundar o mundo moral.

O Sanctissimo Padre, com data de 18 de dezembro, dirigiu uma carta ao

Em.^{mo} Cardeal Vigario, chamando-lhe a attenção para o estremado zelo com que lhe cumpria velar «pela vida, costumes e obras d'aquelles que são chamados luz do mundo e sal da terra. As condições proprias de Roma—diz o sabio Pontifice—o maior numero de ecclesiasticos que aqui affluem de todos os paizes, demandam maiores cuidados e industrias para que por estas causas não tenha de soffrer a disciplina do clero nem lhe diminua a efficacia.» O Sancto Padre tece acalorados encomios ao nobre clero romano que se tem estremado por «sua devoção e adhesão á Sancta Sé e ao Vigario de Jesus Christo, na obediencia e respeito a seus superiores e no espirito de união e concordia».

Falando dos esforços dos inimigos da Egreja em lançar a divisão no clero, no intuito de obviar a tão grande mal, diz que «o mais deploravel e doloroso é que entre os mesmos ecclesiasticos se possa encontrar algum que esquecido dos proprios deveres e da sanctidade de seu character, caia na desventura de prestar o concurso de suas obras á execuçã) de tão preversos planos.» O Sancto Padre indica as precauções a tomar na formação dos jovens ecclesiasticos, e quanto ao clero em geral determina «que no anno proximo, todo elle, sem excepção, consagre alguns dias ao retiro e á oração.»

Sua Sanctidade escrevendo a um distincto prelado francez, affirmava lhe que o meio unico de obter ecclesiasticos exemplares, era fortalecel os e aperfeiçoal-os mediante os exercicios espirituales, e agora directamente os preceitua ao clero romano.

E' por igual répleta de interesse a allocução do Soberano Pontifice ao collegio cardinalicio no dia de Natal, mas reservamo'-nos para a publicar integralmente em o n.º seguinte.

Em 30 de dezembro—diz o *Moniteur de Rome*—S. Sanctidade, antes de se dirigir ao consistorio publico, recebeu Monsenhor Brincat, bispo d'Adrumète e coadjutor o em.^{mo} Cardeal Lavigerie e director geral da obra antiservatista. Reiterou-lhe a certeza de sua funda sympathia por esta obra de civilização christã e pelo Veneravel Cardeal que é o apostolo d'ella. Concedeu uma benção especial a quantos n'ella se interessarem e aos membros dos diversos comités.

O que valem as Missões.—Diz-nos o *Commercio de Portuga!*, que noticias vinda da Africa Occidental, constata severissimo castigo inflingido pelas tropas portuguezas ás tribus rebeldes dos Ganguellas, que no estio do anno findo se haviam apoderado do forte *Princesa Amelia*, no Cubango, onde residia uma pequena força, e uma missão catholica, cujo superior era o Padre Le-

comte, da Congregação do Espirito Sancto. Missão e força defenderam-se até ás ultimas, não sem risco grave das proprias vidas, mas houve que ceder á superioridade do numero. Descredito soffreu o nome portuguez com esta derrota ao passo que subiu de ponto a ousadia dos selvagens, julgando poderiam impunemente proseguir em proezas d'esta natureza. Valeu-nos porém o tacto politico do Padre Lecomte que vindo a Lisboa, tão habil e empenhadamente advogou a necessidade da reconquista do forte, que o governo deu ordem ao governador d'Angola para dispor tropas convenientes para a empresa. Capitaneadas estas pelo intelligente e brioso militar, o snr. capitão Arthur de Paiva, conseguiram derrotar completamente as insubordinadas tribus e arrasar as *libatas* dos sobbas Quinano, Canbuande e Chipandeca, o primeiro dos quaes, e principal na revolta, fugindo para as terras do sóbba de Catões, foi entregue por este ás tropas portuguezas, que o levaram prisioneiro.

O forte *Prinzeza Amelia* está de novo occupado e fortificado, e mais uma vez se evidenciou que os missionarios podem ainda ser um forte elemento de nossa grandeza futura como indubitavelmente o foram da nossa grandeza passada.

O benemerito Padre Lecomte, na sua passagem por Benguella, foi entusiasmaticamente acolhido por auctoridades e cidadãos, elegendo-o o digno Prelado para Vigario geral de Caconda e Bihé, onde ao presente se encontra com alguns sacerdotes e auxiliares leigos que o acompanharam.

O Rev.º Padre Campana, outro denodado apostolo d'aquelles inhospitos sertões, tem posto seu empenho em fundar uma Missão em Malange, no Congo, e de seu infatival zelo ha a esperar que, em pouco tempo, mais um centro firme de civilisação fique a ensinar á Inglaterra, que não são ainda *res nullius* aquelles amplos territorios, adquiridos por nossos maiores á custa de tantos suores.

D'est'arte, os Missionarios da Companhia pelo Oriente e os do Espirito Sancto pelo Occidente, são os mais seguros, ou por certo os *unicos* garantes dos direitos de Portugal a mais alguma coisa que uma estreita ourella de terreno sobre o Atlantico e o Oceano Indico.

Falta agora que lhes vão no encaço os que teem denodo, abnegação e dedicação bastantes para os seguirem, e os abastados de fortuna e caridade generosamente os auxiliem, para que lutadores tão benemeritos não hajam de succumbir á mingua de recursos como malogradamente tantas vezes tem acontecido.

Deante de nós temos uma carta que

nos veiu da Estação de Sancto Antonio, região do Zaire, que nos diz: «Vejo-me a braços com esta Missão de alumnos internos, creada por mim desde seu principio, e a par do muito serviço que de continuo pesa sobre meus hombros, sou a cada passo accommettido de febres biliosas que quasi me reduzem á inuidade. Canço-me de reclamar auxiliares de Loanda, mas tudo em vão: s. ex.ª rev.ªª não tem ecclesiasticos, e é isto em extremo pungente, porque muitos povos distantes apertam constantemente commigo, rogando os vá baptisar e lhes envie padres e professores para os doutrinarem. Corta o coração não poder acudir-se a estas gravissimas necessidades, mórmente vendo-se que as missões estrangeiras protestantes, que já estão espalhadas por toda a Angola, nos tomam o passo, roubando á religião e á patria a dedicação d'estes povos que principiaram a amar-nos e a respeitar-nos antes de haver protestantes. E' pena, grandissima pena, repito. As missões protestantes repar tem com mão larga fazendas e varios donativos para impingirem por aqui os seus erros, e nós os catholicos nada podemos fazer por inopia completa! Criem-se Missões como deve ser; ponha-se-lhes pessoal e meios á disposição, e veremos as nossas Missões suplantarem as estrangeiras e fazerem frente á politica estrangeira!»

Tal o clamor que a cada momento e ha tantos annos nos repete a infeliz Africa, a nossa infeliz Africa. Se bem pensarmos, temos que afirmar que para ella o Padroado, até hoje, tem sido um obice terrivel a seu progredimento, não lhe mandando civilisadores, os unicos civilisadores que ella pôde ter, e coartando a acção d'outros que lá podiam ter ido, ha muito, levar, não as doutrinas da egreja anglicana, mas as puras do Evangelho.

Hoje (graças ao Céu!) parece porem que outros ventos correm. Não cessem elles que virá d'ahi por certo a nossa salvação.

O dia 28 de dezembro em Portugal.

—Foi este dia de grandes maguas no Porto e grandes festas em Lisboa.

Victima d'uma lesão cardiaca, succumbiu, longe de quanto lhe era caro, nas agruras do desterro, a infeliz senhora, filha e esposa de monarchas, que no derradeiro quartel da vida, quando maior direito havia a venerações e respeitos, foi tyrannicamente expulsa da patria adoptiva, a quem tantos affectos consagrava, pelo braço impiedoso da Revolução, que para com a veneravel prinzeza desempenhou uma missão ingrata, eternamente marcada nos annos da Historia com um stigma indelevel.

A' mesma hora e no mesmo dia em que os dois jovens que actualmente occupam o throno portuguez, se desvaneciam nos festejos solemnes da acclamação (*fria*, como affirmam muitas testemunhas) rendia o ultimo alento, n'um quarto humilde do Hotel do Porto, a prinzeza, tia d'elles, que durante o percurso da rua da amargura após a proscricção do Rio, não mais logrou um só instante de repouso!

O passamento da prinzeza exilada, n'aquelle momento de triste coincidência, fôra por certo a voz do Anjo do bom conselho, segregando, no intimo da alma aos dois acclamados, quando parece lhes abria alegres portas o futuro, aquellas memoraveis palavras, que em actos solemnes não escutam principes, mas que se repetem aos pontifices: *Sic transit gloria mundi!*

Descance em paz a piedosa prinzeza, e seus ultimos dias sejam antes licção de prudencia ensinada aos reis que o *Mane, Thecel Phares* de mal agourado festim.

Calamidades. — Quanto ha util no mundo pôde ser origem de grandes males. Em Boston, em quanto a maioria dos habitantes repousavam placidamente entregues ao somno da madrugada, um d'esses fios electricos, apparentemente innocentes, despede uma pequena faisca que ateia incendio n'um dos bairros mais populosos. Sobem rapidas e devoradoras milhares de linguas de fogo; occorrem de toda a parte em combate renhido contra o elemento destruidor; mas de relance, entre os gritos dos feridos, o estrondo dos que trabalham e o crepitar constante das labaredas, os muros desaprumam, os vigamentos cedem, e para cima de duzentas casas, commerciaes quasi todas, formam fogueira medonha, uma imagem de volcão escandescente, um quasi inferno. Fortuna foi ainda, ser exiguo o numero das victimas de tamanho desastre, cujos prejuizos são calculados em mais de quatro mil contos.

Em Lynn (estado de Massachusetts) outro incendio terrivel devorou doze grupos de casas, armazens, bancos, palacios, templos, sepultando nas ruinas um sem numero de infelizes!

N'um theatro de Johnston (aquella malfadada cidade que em fins de maio ultimo foi victima de terriveis inundações) um gracejador de mão gosto começou de gritar: *Fogo! Fogo!* A esta voz os espectadores sobresaltam-se, tomam-se de susto, e eil-os em gritaria enorme, n'um redomoinho pavoroso, a demandarem a saída, mas tão accelerada e confusamente que ha a lastimar 15 mortos e 80 feridos.

Em Nova-York, deseseis creanças que se ensaiavam para uma exhibição do

Natal, sentiram-se por um descuido involvidas em labaredas, ficando duas mortas e varias em perigo de vida.

Mais: O theatro allemão de Wallgas se é hoje um montão de cinzas. Rebeitou n'elle o incendio pelas tres horas da madrugada do dia 17 do passado. Todos os esforços foram inuteis para o salvar. Não é bem liquido qual foi a causa do desastre: dizem uns, que proveiu da caixa do theatro; outros, dos aparelhos de ar quente installados em cada angulo da sala d'espectaculo. O pessoal ficou sem recursos.

Vai fatal a transicção de oitenta e nove para noventa: a *Nacção* de 4, soltando-nos tambem uma nota lugubre informando-nos que no dia 1, ás 10 horas, com a augusta Mãe de S. A. a senhora reben- tou grande incendio no theatro de Zurich, não havendo victimas pessoas. mas do theatro não se salvou nada.

Tinhamos archivado os males de estranhos quando nos chega noticia d'um mal domestico. Entre Vermoil e Albertaria, na madrugada de 3 do corrente, descarrilou o comboyo do correio n.º 7, ficando damnificadas todas as carruagens e algumas totalmente espedaçadas. Cento e tantos passageiros, ficaram alguns mortos, e a maior parte feridos, sendo alguns gravemente. Varios regressavam das festas da aclamação e teriam occasião de ponderar que sempre as distracções são isemptas de perigo.

Não ha muito o Rev.º P. C. Vieira, notando, em um artigo publicado na *Nacção*, os desastres successivos que ultimamente se tem dado em nossas linhas ferreas, inclinava-se a attribuil-as a causas *spiriticas* ou *hypnoticas*. A ultima catastrophe vem lembrar-nos singular opiniao do respeitavel articulista. Que o diabo anda á solta, parece-

Feixe de noticias.—Na recepção de 1 de janeiro, leu perante S. Magestade o ex.º Reitor da Universidade, a allocução seguinte:

«Senhor: São os reis de Portugal protectores natos da Universidade de Coimbra. Como taes os proclamam os estatutos d'ella, confirmados pelo magnanimo instituidor da dynastia de Bragança.

«Todavia, para ter sempre claro o direito n'este ponto, ordenam os mesmos estatutos, que no principio de cada reinado venha uma ou mais pessoas eleitas no claustro pleno avivar perante o novo soberano a memoria das relações entre a universidade e a corôa.

«Para este fim nos elegeram o claustro, affirmando a sua obediencia aos poderes do estado, e declarando que só n'elles reconhece o direito de intervir no governo, administração e direcção do ensino das faculdades academicas,

sem sujeição alguma a quaesquer pretenções em contrario.

«No desempenho d'esta commissão, pedimos muito respeitosa- mente a vossa Magestade que se digne de tomar a Universidade de Coimbra sob sua real protecção.—Lisboa, 1 de janeiro de 1890.—Adriano d'Abreu Cardoso Machado, reitor da universidade; Bernardino de Serpa Pimentel, vice-reitor da universidade; Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, decano jubilado de theologia.»

—Os srs. condes de Bardi regressaram de sua viagem á volta do mundo, na qual gastaram dois annos. A estas horas devem de estar em Bronnbach, com a augusta Mãe de S. A. a senhora D. Aldegundes ou no castello de Schwar- zau, em companhia do sr. Duque de Parma, irmão do sr. conde de Bardi.

—O Padre Agostinho de Montefeltro, de quem tanto se falou na quaresma ultima, pela grande sensação causada em Roma por suas notaveis conferencias em S. Carlo, está actualmente em Napoles prégando, na egreja de S. Severino, contra os horrores da incredulidade. O assumpto forçado dos jornaes d'aquella cidade é a eloquencia viril e o invensível talento do Vicente de Ferrer contemporaneo, orgulho da Ordem franciscana, honra da Italia e gloria distinctissima da Egreja catholica.

—Ainda o Brazil—Tal mãe, tal filha: é regra, que admite excepções, mas a regra. A revolução brasileira, aborto da maçonaria, infelizmente não é excepção. Tem já dado signaes de sobre de que sai á raça, e hoje archivamos mais um, que é sobremodo significativo. D'hoje para futuro, os velhos não contam os annos pelos janeiros, nem as mães receiam casar as filhas ás terças ou ás sextas. Janeiros e terças... foram-se.

O novo calendario, por lembrança de Benjamin Constant—o positivista— dará aos mezes os nomes seguintes: Moyses—Homero—Aristoteles—Archimedes—Cesar—S. Paulo—Carlos Magno—Dante—Guttemberg—Shakespeare—Descartes—Frederico—Bichat. Os dias das semanas, esses chamar-se-ão: Maridi—Patridi—Filidi—Fratridi—Domidi—Matridi—Humanidi—

E esta? Quasi parece *broma*. —Faleceu em Pontoise, na parochia de Saint Maclou, um tal Billoin, membro da maçonaria. Dispõe-se o enterro de combinação com o parochio, occultando-se cuidadosamente o projecto dos Ir.ºs, que intentavam, de avental e trolha,

ir assistir aos officios funebres em hora do confrade. Apenas o parochio deu pela traçoira perfidia, declarou terminantemente que por tal modo se não podia realizar a cerimonia, accedendo porém a sepulturar o defuncto

não apparecendo insignias maçonicas.

Tocou-se então a rebate na chafarica, reuniu-se conselho e determinou-se levar civilmente á sepultura o pobre morto.

Foi deveras correcto o proceder do parochio; mas ainda assim a imprensa local, durante algumas semanas, não fez mais que esgrimir contra o digno sacerdote. São sempre assim estes apreguadores de *liberdade*.

—Outra prova de *liberdade*: Nas ultimas eleições em França, tomou o clero, como lhe cumpria, por lei civil e dever de consciencia, parte activa nos trabalhos eleitoraes. Pois esse *crime*, que não se encontra previsto em codigo nenhum, tem sido punido pelo ministro dos cultos com a suspensão dos honorarios a mais de 300 parochos!! A tal *liberdade* bem sabem os *liberaes* que é a do cordeiro em companhia do lobo.

Mas o que infunde profunda magua é vermos que ella consiga, ainda hoje, após tantas desillusões, servir de ruina a milhares de innocentes. Volvamos porém a pagina: «Em um pequeno throno, collocado juncto ao presbyterio elevava-se, circuitada de luzes e flores, uma formosa imagem do Sagrado Coração. Monsenhor, de pontifical, prostrou-se nos degraus do throno e alli, de joelhos, acompanhado de todo o povo, pronunciou em voz alta o acto da consagração. Magestoso espectaculo! Aquella oração era um cantico de gloria, um hymno de triumpho, uma aclamação victoriosa do Divino Coração! A's tres da tarde, a gente não cabia na egreja; a imagem de Jesus surprehendia de belleza no centro d'aquelle jardim de flores e luzes; as confrarias religiosas, com os pendões e estandartes desfraldados, viam-se dispostas em fileiras. Punha-se o povo em movimento; começava a procissão. A' frente ia a congregação de S. Luiz e collegios de meninos, dirigidos aqui pelos missionarios; seguiam as Filhas de Maria e collegios de meninas a cargo das Irmãs de Maria Auxiliadora; após, a Associação do Apostolado da Oração, e, debaixo do palio, em preciosa custodia, nas mãos de Monsenhor, Jesus Sacramentado, o Christo Rei, escoltado por todas as autoridades civis e militares, pelo clero e mais distinctos personagens do paiz.»

Mas onde se personou esse maravilhoso espectaculo—perguntarão os leitores? Em Paris? em Roma? em Lyon?... Em parte nenhuma d'essas. Foi na ponta mais remota da America Meridional, na Patagonia, onde a liberdade, a verdadeira civilização se desenvolve, ao passo que na Europa *culta* cede cada dia terreno ao selvagismo, que parece ameaçar tudo quanto ha nobre e bom.

Janeiro—7.

M. F.